



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALEXANDRE JAMBA SAPALO

PROCESSO DE COMPOSIÇÃO DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

ALEXANDRE JAMBA SAPALO

PROCESSO DE COMPOSIÇÃO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Shirley Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S243p

Sapalo, Alexandre Jamba.

Processo de composição do português de Angola / Alexandre Jamba Sapalo. - 2021.
45 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Shirley Freitas Souza.

1. Língua portuguesa - Angola. 2. Língua portuguesa - Morfologia. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.09673

ALEXANDRE JAMBA SAPALO

PROCESSO DE COMPOSIÇÃO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, *campus* dos Malês, da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 23 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Shirley Freitas (Orientadora)

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Manuele Bandeira

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Universidade de Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus que tem me dado forças para aguentar os desafios da vida. Aos meus pais, o senhor Moraes Benedito e a senhora Inácia Bimbi que sempre me apoiaram e me deram sustentabilidade pra continuar a prosseguir com os meus objetivos. Eu me lembro que quando saí do meu país, os meus progenitores deram-me muito apoio, tanto moral como psicológico. Fizeram-me crer o tempo todo que o senso de responsabilidade é um bem necessário para quem deseja apostar na formação. Hoje sou grato pela educação que me deram desde a tenra idade.

Com toda sinceridade, agradeço a minha orientadora, professora Doutora Shirley Freitas, pelas orientações, sugestões, ensinamentos, sobretudo pelo profissionalismo. Gostaria de esmiuçar do fundo do meu coração que sem o apoio da professora não seria possível construir esse tão esperado trabalho que agora se tornou uma realidade. Gostaria de exteriorizar a minha grande admiração pela senhora. Professora, o meu muito obrigado.

Agradeço ainda aos professores Manuele Bandeira e Eduardo Ferreira dos Santos por terem aceitado o convite para compor a banca avaliadora desse trabalho.

Estendo também os meus agradecimentos à Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) por me conceder uma vaga, apoiando assim cabalmente a minha formação acadêmica no Curso de Letras – Língua Portuguesa. De forma geral, aos amigos e colegas que contribuíram de forma direta ou indireta para que a realização desse trabalho fosse feita da melhor forma possível. A toda minha família que sempre me apoiou direta ou indiretamente, o meu muito obrigado.

RESUMO

Situado na África Ocidental, Angola é um país multilíngue, onde são faladas sobretudo línguas do grupo banto, como umbundo, kimbundo, kikongo e cokwe, além do português, falado por um total de 71,15% da população como primeira e segunda língua de acordo com o censo de 2014. O presente trabalho tem como tema o processo de composição no português de Angola e pretende analisar o comportamento dos compostos, diferenciando as composições verdadeiras das locuções, bem como identificar os compostos específicos do português de Angola, deixando claro que estamos diante de uma variedade própria do português. O interesse em estudar esse tema surgiu justamente a partir da necessidade de se ampliar estudos sobre o português angolano, uma vez que ainda são poucos os estudos que abordam essa variedade do português quanto a seus aspectos morfológicos. Como suporte teórico, foram utilizados trabalhos que tratam do processo de composição em diferentes línguas, como Lee (1997), Monteiro (2002), Margotti & Margotti (2011), Lieber e Stekauer (2012) e Bisseto e Scalise (2012). Para análise, foram coletados 20 compostos em jornais e blogs online que trazem conjuntos de vocábulos do português de Angola. Para a confirmação dos dados, foi necessária a gravação dos dados com jovens angolanos residentes na capital Luanda e no Brasil, sendo esses atualmente alunos da UNILAB, *Campus* dos Malês. A pesquisa focou mais em itens nominais, sobretudo estruturados em N+N, N+A, N+P+N, N+conj+N e N+P+A (**trigo limpo** ‘sexo desprotegido’, **água do chefe** ‘nome atribuído à bebida alcoólica, sobretudo a cachaça’), apenas três apresentam a estrutura V+N, V+P+N e V+A (**cai com vento** ‘pessoa magra’, **saca fácil** ‘alguém que se deixa paquerar com muita facilidade’ e **bate-chapa** ‘beijo apressado, repentino dado na boca’). De acordo com Monteiro (2002), existem alguns critérios que atestam a diferença entre compostos e locuções. Neste contexto, os compostos apresentam as seguintes características: ordem fixa entre seus elementos, impossibilidade da colocação de um vocábulo entre seus componentes, impossibilidade de suprimir um dos elementos e pluralização no último elemento. Tendo em vista esses aspectos, dos itens coletados, todos os 20 compostos atendem aos três primeiros critérios propostos por Monteiro (2002), sendo que nem todos os compostos (no caso, 11) atendem ao quarto critério, o que não era esperado, dado que o autor considera o plural um critério mais confiável. Com esse estudo, foi possível perceber que a composição é um processo produtivo no português angolano para criar palavras, uma vez que são formadas novas combinações na língua (além das encontradas em outras variedades), havendo casos inclusive de mudança semântica de compostos encontrados no português brasileiro.

Palavras-chave: Língua portuguesa - Angola. Língua portuguesa - Morfologia.

ABSTRACT

Situated in West Africa, Angola is a multilingual country, where mainly Bantu group languages such as Umbundu, Kimbundo, Kikongo, and Cokwe are spoken, in addition to Portuguese, spoken by 71.15% of the population as a first and second language according to the 2014 census. The present work has as its subject the compounding process in Angolan Portuguese and intends to analyze the behavior of the compounds, differentiating the true compounds from the locutions, as well as to identify the specific compounds of Angolan Portuguese, clarifying that we are facing a variety of Portuguese on its own. The concern in studying this topic arose precisely from the need to expand studies on Angolan Portuguese since there are still few studies that address this variety of Portuguese as to its morphological aspects. As theoretical support, we used works that deal with the process of compounding in different languages, such as Lee (1997), Monteiro (2002), Margotti & Margotti (2011), Lieber and Stekauer (2012), and Bisseto and Scalise (2012). For analysis, 20 compounds were collected from newspapers and online blogs that feature sets of Angolan Portuguese vocabulary. To confirm the data, it was necessary to record the data with young Angolans living in the capital Luanda and Brazil, who are currently students at UNILAB, Malês Campus. The research focused more on nominal items, mostly structured in N+N, N+A, N+P+N, N+conj+N and N+P+A (**trigo limpo** ‘unprotected sex’, **água do chefe** ‘the name given to alcoholic drink, especially cachaça’), only three present the structure V+N, V+P+N and V+A (**cai com vento** ‘thin person’, **saca fácil** ‘someone who flirts very easily’ and **bate-chapa** ‘sudden hasty kiss given on the mouth’). According to Monteiro (2002), some criteria attest to the difference between compounds and locutions. In this context, compounds present the following characteristics: fixed order among their elements, impossibility of placing a word among its components, impossibility of suppressing one of the elements, and pluralization in the last element. Given these aspects, of the collected items, all 20 compounds meet the first three criteria proposed by Monteiro (2002), and not all compounds (in this case, 11), meet the fourth criterion, which was not expected, since that the author considers the plural a more reliable criterion. With this study, it was possible to realize that compounding is a productive process in Angolan Portuguese to create words, since new combinations are formed in the language (besides those found in other varieties), and there are even cases of semantic change of compounds found in Brazilian Portuguese.

Keywords: Portuguese language - Angola. Portuguese language - Morphology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	ANGOLA E O PORTUGUÊS ANGOLANO	10
2.1	ASPECTOS GERAIS SOBRE ANGOLA	10
2.1.1	Angola: dos primeiros contatos com os portugueses até a maior fornecedora de escravos da América Latina	11
2.2	O CONTATO DO PORTUGUÊS COM AS LÍNGUAS AUTÓCTONES ANGOLANAS E A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA.....	14
2.3	ALGUMAS CARACTERÍSTICAS PECULIARES DO PORTUGUÊS ANGOLANO	16
3	O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO E A METODOLOGIA DA PESQUISA	18
3.1	AS DEFINIÇÕES DE COMPOSTOS	19
3.1.1	Diferenças entre compostos e locuções: possíveis critérios	20
3.1.2	CrITÉrios de diferenciação pouco confiáveis	24
3.2	METODOLOGIA	26
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
4.1	<i>CORPUS</i> ANALISADO	28
4.2	PROPRIEDADES DOS COMPOSTOS	31
4.3	ESPECIFICIDADES DO PORTUGUÊS DE ANGOLA	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICES	41
	APÊNDICE A – Termo de livre consentimento livre e esclarecido	42
	APÊNDICE B – Questionário	43

1 INTRODUÇÃO

Angola é um país multilíngue e está situado na África Ocidental. São faladas várias línguas, sobretudo as do grupo banto, como Umbundo, Kimbundo e Cokwe, além do português falado por um total de 71,15% da população como primeira e segunda língua de acordo com o último censo populacional realizado em 2014, o que mostra a grande difusão do português no país. O nosso estudo tem como tema o processo de composição no português angolano. Com isso, o nosso objetivo é analisar o comportamento dos compostos, diferenciando o composto da locução, e encontrar casos de formação de novas palavras por composição no português de Angola. Ainda há poucos estudos sobre o português de Angola, sobretudo com relação à morfologia. Assim, o interesse em estudar os compostos nessa variedade de português surge a partir da necessidade de contribuir na ampliação dos estudos sobre tal variedade. Ademais, existem alguns autores que ainda defendem que em Angola se fala uma variedade do português europeu, até pelo fato de a norma europeia vigorar nas escolas angolanas.

No que tange ao referencial teórico, consideramos autores que discutem o processo de composição em diferentes línguas, em português, Lee (1997), Monteiro (2002), Margotti & Margotti (2011) e mesmo em inglês, Lieber e Stekauer (2012) e Bisseto e Scalise (2012). Usamos esse referencial teórico para analisar os dados que foram coletados em materiais como revistas e blogs que trazem vocábulos do português angolano. A fim de comprovar os dados coletados, realizamos gravações com falantes em Luanda, capital de Angola, e no Brasil, com atuais estudantes da Unilab – Campus dos Malês.

Com exceção dessa parte introdutória e das considerações finais, o trabalho está dividido em três capítulos. No segundo capítulo, procuramos trazer os aspectos gerais sobre Angola, com foco no contexto histórico-social dos primeiros contatos dos portugueses com o antigo território nacional de Angola. Além disso, neste mesmo capítulo, através de estudos realizado por Santos (2018), discute-se o contato do português com as línguas autóctones, bem como algumas características peculiares do português angolano. No terceiro capítulo, abordamos o processo de composição bem como a metodologia para a realização da pesquisa. Ainda neste capítulo, nos debruçamos sobre os principais conceitos teóricos que constituem o embasamento da nossa pesquisa, tratando com muita atenção as diferentes concepções da definição de compostos. Vimos ainda neste capítulo que não é tão fácil definir o que é composto tal como postulam Lieber e Stekauer (2012) e Monteiro (2002). Por fim, temos o quarto capítulo que constitui a base do nosso estudo e desenvolveu toda a análise e discussão

da pesquisa tendo em conta os dados recolhidos. Neste último capítulo, foi possível observar os compostos que fazem parte especificamente do português angolano.

Angola alcançou a independência no ano de 1975, depois de uma longa guerra de libertação nacional. Após a independência, Angola foi palco de uma intensa guerra civil de 1975 a 2002, majoritariamente entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). No dia 4 de abril de 2002 foi assinado o acordo de paz, considerado o segundo maior ganho do país, depois da independência. Político-administrativamente possui 18 províncias: Cabinda, Uíge, Zaire, Lunda Norte, Lunda Sul, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Bengo, Bié, Moxico, Cunene, Cuando-Cubango, Namibe, Huíla, Huambo, Malanje, Benguela e Luanda, sendo esta última a capital do país (FILUSOVÁ, 2012).

Figura 02: Mapa Geográfico de Angola



Fonte: <https://br.freepik.com/icones-gratis/angola-mapa-do-pais-silhueta_748829.htm>

Na figura 01 temos a ilustração dos países africanos com os seus respectivos nomes e a localização exata do território angolano no continente africano, ao passo que a figura 02 apresenta as 18 províncias angolanas.

2.1.1 Angola: dos primeiros contatos com os portugueses até a maior fornecedora de escravos na América Latina

Segundo Santos (2018, p. 27-28), a chegada histórica dos portugueses no território angolano é marcada pela presença dos portugueses sob o comando de Diogo Cão na foz do rio Zaire, no período de 1482 a 1484. Nesta época, o primeiro reino a ter contato com os portugueses foi o reino do Congo e depois as regiões do reino do Ndongo localizadas a sul do atual território angolano, próximo ao famoso rio Cuanza que marca o nome da atual moeda angolana. Esses dois reinos (Congo e Ndongo) tinham suas próprias economias e produtos como panos de palma, marfim, cobre e madeira que não possuíam muita relevância para os negócios do ocidente, assim, o que mais interessaria para os portugueses era a própria população que mais tarde seria levada ao cativeiro.

De acordo com Santos (2018, p. 28), as relações entre Portugal e os reinos do atual território angolano eram inicialmente diplomáticas e constatava-se também a presença influenciadora dos líderes religiosos nomeadamente os padres que faziam batismos em alguns africanos e apadrinhamento aos principais chefes do reino do Congo. Assim, os chefes do reino do Congo iam à Portugal para melhor aprenderem a língua portuguesa, os artigos da Fé e os mandamentos divinos que todo e qualquer cristão católico romano deveria saber.

Conforme Gomes (2010, p. 150), antes de os portugueses se estabelecerem de forma significativa, ao território angolano, já havia boas relações entre os lusos e o rei do reino do Congo que tratava os portugueses de forma amigável. Para os portugueses, já nascia a ideia de converterem o rei deste reino ao Cristianismo, mas no lado dos nativos, a resistência era destemida e ousada. No ano de 1560, os lusitanos fizeram uma aproximação experimental com o angola (antigo rei), mas não houve sucesso. Para o efeito, fez-se uma excursão que contaria com quatro missionários jesuítas e era chefiada pelo Paulo Dias de Novais que mais tarde regressaria como governador. A jornada foi fracassada, pois o território que pretendiam negociar teve uma forte resistência. O acontecimento terminou com a detenção de Dias de Novais e os missionários. Antes de negociar a sua libertação com o rei de “angola” e voltar a Lisboa, Dias de Novais ficou preso durante cinco anos, já os missionários não tiveram o mesmo destino, tanto é que o Padre jesuíta Francisco de Gouveia continuou detido até o último dia da sua vida. Durante a sua prisão, o padre escreveu aos superiores lusitanos, explicando que era quase impossível converter os africanos ao cristianismo se não fosse por meio do poder das armas, consta ainda que segundo ele, nesta região só havia homens bárbaros e selvagens.

Conforme Gomes (2010, p. 155), uma década e meia depois da fracassada tentativa de ocupação, uma tripulação com homens fortemente armados chegava ao reino de Angola chefiados por Paulo Dias de Novais. As tropas de Paulo Dias de Novais estavam prontas para ocuparem definitivamente a região angolana que até então não pertencia ao rei de Portugal. Os tripulantes lusitanos sabiam que para tomar a região desejada teriam que enfrentar os sobas (líderes africanos) e travar uma grande batalha que custaria a vida de ambos os lados e foi justamente isso que aconteceu. A batalha foi longa e sangrenta, muitas pessoas neste período morreram tanto do lado dos portugueses como do lado dos angolanos. Nem todos os portugueses morreram durante a guerra, alguns lusitanos foram vítimas de várias doenças que os assolavam, nomeadamente malária, febre amarela e outras doenças, mais tarde, o próprio Paulo Dias de Novais que depreciara a coragem dos guerreiros africanos foi assassinado numa praça em Massangano, em uma das regiões de Angola. No que tange ao número de mortes entre os africanos e os portugueses não há estatísticas seguras, mas os relatos indicam que houve mais mortes na parte dos africanos.

Como postula Gomes (2010, p. 156), o que motivava a insistência dos lusitanos a ocuparem a região de Angola foi o fato de eles terem acreditado na existência de valiosas minas de prata, no interior do reino. Ao chegar aos supostos acúmulos de pratas, o governador superior Pereira percebeu que afinal lá só havia materiais de pouco valor que não serviam para nada, no caso chumbo e alguns metais insignificantes, foi assim que os lusitanos decidiram apostar no tráfico negreiro. Assim sendo, de forma rápida Angola se tornou a maior fornecedora de escravos para a América. No final do século XVI, eram muitos os escravos que saíam de Angola em direção ao Brasil, até 1591 já chegavam cerca de 52 mil escravizados, sem contar os que não eram registados pelas autoridades para o não pagamento de impostos, no caso os que eram comprados de forma ilegal.

Conforme Gomes (2010, p. 156), no processo de compra e venda do tráfico negreiro, os africanos escravizados passavam por longas jornadas antes de chegar ao destino final, principalmente no território do Brasil, um lugar onde começariam uma vida dura, uma vida sofrida e desgraçada. Os escravos não eram donos de si mesmos, mas sim as suas vidas pertenciam aos seus senhores. No interior de Angola, havia feiras onde os compradores se concentravam para a transação de escravos rumo ao outro lado do oceano Atlântico. As atividades eram devidamente sistematizadas, os escravos eram postos enfileirados todos com correntes sobre os tornozelos e argolas em seus pescoços, percorriam grandes quilômetros até chegarem aos galpões onde tinha que aguardar até que aparecessem os navios negreiros que depois os levariam para o outro lado do oceano. Durante a caminhada, eram obrigados a

carregar materiais pesados de mais ou menos 25 a 30 quilos, outros transportavam os proprietários de escravos em tipoias, muitos dos cativos não conseguiam chegar até a área de embarcação porque morriam pelo caminho.

2.2 O CONTATO DO PORTUGUÊS COM AS LÍNGUAS AUTÓCTONES ANGOLANAS E A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Do ponto de vista linguístico, antes de os portugueses ocuparem significativamente os reinos, Angola já estava povoada e já eram faladas diversas línguas, sobretudo bantas e de outras famílias, diferente de outras colônias que foram inicialmente povoadas pela população portuguesa. Nesse cenário em que conviviam diversas línguas, com o início da colonização, soma-se o elemento português. Conforme Inverno (2008, p. 120-121), antes de os portugueses ocuparem significativamente os reinos angolanos, o território havia sido povoado por alguns portugueses. Assim, na costa ocidental africana, existia um grupo populacional constituído por europeus e africanos vindos de São Tomé com objetivo de se dedicarem ao comércio de escravos. O lugar se transformou num novo entreposto comercial dos portugueses. Neste sentido, há indícios de que várias línguas africanas de diferentes famílias já se teriam afirmado como línguas principais de comunicação nessa região. Na época, entre 1683 a 1730, os portugueses tinham um domínio limitado do território angolano, já que apenas estavam fixados na costa ocidental em Luanda onde realizavam seus comércios. Em 1796, a população africana crescia significativamente em Luanda, dependendo da dinâmica do tráfico de escravos. Neste contexto, os nativos que residiam no centro da cidade teriam um certo domínio da língua portuguesa, mas tinham como língua materna as línguas africanas, já os que viviam nas periferias teriam o Kimbundo como língua de comunicação ou as demais línguas africanas. A realidade não é surpreendente, pois a população branca europeia ainda era reduzida, mas com grande representatividade em relação às épocas anteriores.

Depois de o Brasil ter conquistado a sua independência e se constituir como nação em 1822, de acordo com Inverno (2008, p. 120-124), a coroa portuguesa virou consideravelmente os seus holofotes para o continente africano, por conseguinte, começavam novas formas de povoamento dos portugueses para o antigo reino do Congo. Esse povoamento trouxe maior fluidez para implementação do português em vários contextos em Angola. Assim sendo, acredita-se que o Kimbundo, uma das línguas mais faladas, na altura, entrava em interferência mútua com o português, visto que boa parte da população nativa falava o Kimbundo no quotidiano. Só mais tarde, no início do século XX, se intensificou a chegada dos colonos de

forma significativa, ou seja, mais portugueses chegavam ao território angolano, mas ainda assim era frequente o uso das línguas bantas que se opunham ao português.

Conforme Santos (2018, p. 32), no contexto da ocupação territorial angolana, depois da ocupação massiva dos colonos, deu-se a imposição da língua portuguesa com o objetivo de dividir os nativos em dois grupos: por um lado os assimilados e por outro os indígenas. Os assimilados tinham o direito de adquirir a nacionalidade portuguesa, além disso, eles sabiam ler e escrever e se convertiam ao catolicismo, tinham que falar a língua portuguesa fluentemente, já os indígenas estavam distantes dessa realidade, ou seja, eles não eram considerados como cidadãos. Um dado muito curioso que não se pode deixar de lado é que a condição de indígena não era definitiva, eles poderiam passar para o grupo dos assimilados desde que aprendessem a falar a língua portuguesa fluentemente e adotassem os hábitos sociais dos cidadãos europeus.

Em síntese, como aponta Carvalho (2008, p. 1), não se pode perder de vista a ideia de que um povo constrói sua identidade atracando-se à sua própria língua, sabendo que a língua não serve simplesmente para se comunicar ou buscar conhecimentos, ela também é uma ferramenta de poder, pois, através dela uma nação pode se expressar e manifestar a forma de ver o mundo, assim, quando um povo invade outro povo por meio da força bruta, geralmente um dos elementos que não escapa é a imposição da língua. Assim, no que tange ao contato do português e as línguas autóctones angolanas, percebe-se que os portugueses sempre tiveram grande interesse em silenciar as línguas bantas angolanas para que a língua dos colonos (o português) fosse considerada como a língua de poder veiculada em todo canto do território angolano. Essa realidade nos permite pensar que a língua portuguesa sempre exerceu uma posição de superstrato diante das línguas autóctones angolanas, neste contexto, vale dizer que muitos nativos angolanos tiveram que abrir mão das suas línguas nativas para adquirir o português. Cabe-nos esmiuçar aqui que no contato entre duas línguas, geralmente prevalece a língua do dominador, são poucos os casos em que o dominador abre mão do seu idioma para adotar o idioma do povo dominado. Um exemplo muito concreto para explicar esse assunto seria o caso do continente africano, se virmos bem, olhando para este continente a grosso modo, perceberemos que as línguas que se tornaram oficiais nesses países foram as línguas dos antigos colonos nomeadamente: o inglês, o francês, o português e o espanhol. Essas línguas aqui elencadas tiveram e têm até agora um certo crédito nos demais países da África, elas se constituíram como línguas de poder e com um viés político muito sólido. Assim sendo, Angola não fica isenta desta realidade acima apresentada.

No que tange à situação sociolinguística atual, conforme dados do Instituto Nacional de Estatística de Angola (censo de 2014), como língua materna o português é falado por apenas 26% da população em todo território. Somando o número de falantes do português como primeira e segunda língua, chega-se a um total de 71,15% da população de acordo com o censo, o que mostra a grande difusão do português em Angola, razão pela qual a ideia de um país monolíngue para o contexto angolano não se aplica.

Conforme Inverno (2008, p. 118), para boa parte da população angolana, a língua materna são as línguas nacionais, estas se encontram divididas em dois grupos: de um lado o povo bantu que constitui a grande maioria da população angolana e conseqüentemente o grupo com mais línguas faladas no território angolano, na década de 1970, seis das línguas desse grupo étnico foram tidas como línguas nacionais (Umbundo, Kimbundo, Kikongo, Cokwe, Mbunda-nganguela e Ovakwanyama), por outro lado o grupo khoisan que constitui uma pequena minoria da população que fala a língua Khoisan. A partir desse cenário, observa-se que Angola é um país multilíngue, congregando um vasto número de línguas e falantes monolíngues, bilíngues e mesmo multilíngues.

Quanto à percepção dos falantes com relação ao português, atualmente, parece que ainda existem dois grupos com visões diferentes na sociedade angolana, de certo, por um lado verifica-se um grupo que não está preocupado em falar a norma europeia defendendo a ideia de que Angola tem a sua forma de falar, sua variação linguística e do outro lado verificam-se aqueles que são a favor do uso corrente da norma padrão europeu, mesmo Angola tendo a sua própria norma. É necessário entender que a língua é um instrumento que anda de mãos dadas com a cultura de um povo, por isso quando um grupo social abandona a sua língua para adotar a língua do povo invasor, automaticamente este grupo social terá que abraçar as manifestações culturais, os hábitos e costumes do povo invasor. Os relatos nos mostram que o povo angolano não tinha muita escolha, pois, estava em uma situação de subserviência, precisava aprender a língua portuguesa mesmo contra a sua vontade assim sendo, não seria exagero afirmar que os reflexos dessa imposição são visíveis até hoje, uma vez que na sociedade angolana, um falante só tem crédito quando parece usar a norma culta da variedade do português europeu. A despeito dessa valorização da norma europeia, vale lembrar que Angola tem a sua própria norma, um português com suas próprias características peculiares, o discutiremos na seção seguinte.

2.3 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS PECULIARES DO PORTUGUÊS ANGOLANO

Antes de adentrar ao assunto deste item, é importante dizer que ainda há poucas bibliografias que abordam o português de Angola, já que o país se encontra em um processo de difusão da língua portuguesa em todo território nacional. Tal como nos mostra Miguel (2008, p. 47 apud Santos 2018, p. 39) as pesquisas linguísticas nos permitem acompanhar as propensões de uma determinada língua. Assim sendo, no caso do contexto angolano, tais pesquisas têm permitido, embora que ainda de forma reduzida, o reforço da consolidação de um português peculiar em desenvolvimento, em todos os âmbitos, para a realidade dos falantes angolanos. Deste modo, para abordar esse ponto, nos pautaremos nos aspectos morfossintáticos do português de Angola, apresentando características que apontam para um português peculiar de Angola.

De acordo com Inverno (2004, p. 5), o português angolano se encontra em processo de desenvolvimento, o que permite constatar traços linguísticos diferentes da norma padrão europeia e, neste contexto, se constata a possibilidade da não concordância de número e gênero entre o núcleo do sintagma e o seu determinante. Podemos constatar alguns dados nos exemplos a seguir.

1. meu mãe
2. minha pai
3. meu terra
4. Os pé_ me dói
5. Vigia as criança_

Exemplos retirados de Mingas (2000 apud SANTOS, 2018, p. 40)

Como nos atestam os exemplos de (1 a 5) percebe-se a ausência da concordância de número e gênero entre os nomes e seus determinantes, diferente da norma padrão europeia, no caso de (1 a 3), é notável a inexistência da concordância de gênero, já no caso dos dois últimos exemplos, (4-5), não ocorre concordância de número entre os determinantes e seus nomes.

A ausência da marcação de gênero e número entre os nomes e seus respectivos determinantes pode ter a ver com as influências das línguas bantu de Angola em relação ao português, por exemplo, para Inverno (2004, p. 5), a razão da não marcação de número e gênero para alguns falantes acontece pelo fato de nas línguas bantu essa categoria ser marcada

por prefixos e não por sufixos como na norma padrão europeia. Desta forma, o mesmo prefixo do sintagma nominal concorda em número e gênero com outros elementos não nucleares. Para melhor entendermos esse fenômeno, podemos acompanhar o processo de concordância em uma das línguas autóctones do leste de Angola (Cokwe)

6. Cokwe: A-tfu a-wana a-pema

PL- pessoa PL-quatro PL-bom

PE: Quatro boas pessoas ou quatro pessoas boas

[PL: Plural; PE: Português]

Exemplos retirados de Martins (1990, p. 163 apud INVERNO, 2004, p. 5)

Tal como nos mostra o dado em (6), podemos ver que o apagamento da concordância de número e gênero pode ter a ver com as tendências que ocorrem nas línguas do grupo bantu, isto é, no processo do contato do português com as línguas autóctones angolanas.

Outrossim, a marcação do pronome oblíquo para os falantes do português angolano precisamente em Luanda está muito distante da norma padrão europeia. Como nos mostra Inverno (2008, p. 119), a colocação pronominal dos falantes luandenses revela uma variedade própria do português vernáculo de Angola, podemos comprovar tal colocação pronominal nos exemplos a seguir.

7. Ele me deu tiro da perna

8. Lhe partiram a cabeça?

Exemplos retirados de Mingas (2000 apud SANTOS, 2018, p. 43)

De acordo com Miguel (2003, p. 102 apud SANTOS, 2018, p. 40), os pronomes oblíquos na norma padrão europeia funcionam como complementos e sintaticamente exercem funções específicas perante o verbo. No caso do português falado pelos luandenses, o cenário é diferente, como atestam (7-8), pode se dar a próclise ao invés da ênclise tal como se constata na norma padrão europeia. Cabe dizer que essa marcação pronominal do português falado em Luanda não constitui desacordo ou falha por parte dos falantes, pelo contrário é uma outra maneira de falar a língua portuguesa, tratando-se de um povo que teve que abdicar da sua língua para abraçar uma outra língua com estrutura completamente distinta da sua, reforçando a ideia da consolidação de uma variedade própria do português angolano. Vale lembrar ainda que além dos níveis morfossintáticos apresentados acima, é possível observar outras

especificações do português angolano em outros níveis da língua como fonológico e lexical.

3 O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO E A METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo discutiremos o referencial teórico e a metodologia. Inicialmente, abordaremos as propriedades do processo de composição. Observaremos as problemáticas das definições de compostos, apresentando dados que indicam a instabilidade do conceito de composição. Veremos também a diferença entre compostos e locuções, observando os possíveis critérios de diferenciação, não perdendo de vista a ideia de que tais critérios não são totalmente confiáveis. Por fim apresentaremos a metodologia da pesquisa.

De acordo com Gonçalves (2016), na medida em que o tempo vai passando, novas palavras vão surgindo e o léxico da língua vai se ampliando. Seja em novelas, em bordões ou mesmo na linguagem científica, até mesmo no cotidiano, se virmos bem, as pessoas usam expressões novas para se referirem às pessoas ou mesmo coisas. O processo de criação de novas palavras e a modificação de palavras já existentes têm sido práticas habituais e muitas vezes as pessoas não percebem as novidades que entram na língua.

3.1 AS DEFINIÇÕES DE COMPOSTOS

O estudo da composição é muito vasto, existem vários trabalhos, várias definições sobre os status dos compostos. Apesar de sua multiplicidade (e talvez até por isso), as definições da composição ainda apresentam uma série de problemas, ou seja, não são suficientemente sólidas. Por exemplo, Lieber e Stekauer (2012) postulam que compostos são fenômenos linguísticos que dão a impressão de serem simples, mas que na verdade são complexos, isso implica que não é tão fácil assim definir o que é composto.

A primeira definição a ser elencada é a de Monteiro (2002, p. 183), que afirma que “denomina-se composto o vocábulo formado pela união de dois ou mais semantemas”. Uma outra definição proposta por Lee (1997, p. 11) é que composto seria a união de duas ou mais palavras ou então dois ou mais radicais. Na visão de Margotti & Margotti (2011, p. 126) composição seria “[...] um processo de formação de vocábulos novos pela combinação de vocábulos já existentes”. Para Bauer (2003, p. 40 apud LIEBER e STEKAUER, 2012), composição é o processo de criação de um novo lexema agrupando dois ou mais lexemas, já Marchand (1967, apud LIEBER e STEKAUER, 2012) apresenta uma reflexão diferente sobre

o que realmente pode ser considerado como composto, afirmando, por exemplo, que estamos diante de compostos quando duas palavras ou mais formam unidades morfológicas. Neste sentido, as unidades morfológicas seriam os elementos estruturais do composto, ou seja, as partes que constituem um composto. Cabe lembrar que a última definição está ligada aos processos de composição do inglês, cujas palavras carecem de morfes flexionais.

Percebemos que sempre existiu essa reflexão sobre o que é realmente um composto e se na verdade eles têm um comportamento distinto no processo de formação de novas palavras. Assim sendo, percebe-se que as definições de compostos não são suficientemente satisfatórias, é difícil chegar a um consenso e ter uma definição que seja universalmente aceita em todas as línguas. Por exemplo, Bisseto & Scalise (2005) propõem a existência de dois tipos de compostos, no caso composto de raiz e composto sintético. Os compostos de raiz seriam aqueles que apresentam sempre um lexema radical que serviria como um núcleo, exemplo, *chefe da estação*. Todavia, essa noção não é aplicável para todos os idiomas, já que nas línguas românicas, por exemplo, não teríamos compostos classificados por raízes. Os compostos sintéticos seriam aqueles cujos elementos são formados por radicais e sufixo. Um exemplo concreto seria a palavra *taxista*. Segundo Bisseto & Scalise (2005), esses tipos de composto, radicais e sintéticos, não são aplicáveis para todos os idiomas. Essa realidade acima apresentada nos prova mais uma vez que definir composto não é uma tarefa fácil tal como aparenta ser.

3.1.1 Diferenças entre compostos e locuções: possíveis critérios

Segundo Monteiro (2002, p. 183-184), existem vários aspectos para diferenciar um composto de uma locução. Desta forma, antes de apresentarmos os critérios diferenciadores, apresentaremos, antes, a noção de locução. Neste caso, a locução é nada mais do que dois elementos que formam um sintagma, mas que não constituem um único elemento tal como os compostos, ou seja, esses elementos que constituem o sintagma não funcionam como um bloco ou como uma palavra comum, além disso, eles permitem operações morfológicas entre seus elementos.

Tendo em vista a noção de locução, um dos primeiros aspectos diferenciador é a ordem fixa entre os componentes do composto, deste modo, os compostos não aceitam a inversão de seus elementos, se assim for, será gerado um novo significado, uma nova palavra, tal como podemos verificar nos exemplos que se seguem. (1) O Mato Grosso ainda crescerá muito

- (1) O Mato Grosso ainda crescerá muito
- (2) O mato grosso ainda crescerá muito.
- (3) *O Grosso Mato ainda crescerá muito
- (4) O grosso mato ainda crescerá muito.

Exemplos retirados de Monteiro (2002, p. 183-184).

Como vemos em (3-4), a ordem dos componentes das palavras foi trocada e no caso da (3), que referencia um dos estados do Brasil, Mato Grosso, o conjunto de palavras perdeu o sentido original e deixou de se referir ao estado, o que não acontece em (4), em que, mesmo com a inversão dos componentes, o grupo de palavras manteve a referência ao mato e não se perdeu o sentido original.

Um outro critério usado para diferenciar um composto de uma locução, segundo Monteiro (2002, p. 183-184), é a impossibilidade de intercalar um determinante entre os componentes do composto, ou seja, a palavra composta não aceita a colocação de um vocábulo entre seus componentes, tal como vemos nos exemplos a seguir.

- (5) O Mato Grosso ainda crescerá muito
- (6) *O Mato verde e Grosso ainda crescerá muito
- (7) O mato verde e grosso ainda crescerá muito

Exemplos retirados de Monteiro (2002, p.184).

No exemplo (6), percebe-se que não é possível inserir qualquer determinante, já que estamos diante de um nome composto, o que não acontece no exemplo (7), em que mesmo inserindo um novo elemento entre os constituintes, não se constata um outro sentido, ou seja, apesar da intercalação, o sentido se mantém o mesmo.

Um outro aspecto para a distinção de composto e locução, segundo Monteiro (2002, p.184-185), seria a impossibilidade de se suprimir um dos elementos componentes sem que haja prejuízo no significado como vemos em (8) e (9).

- (8) *Guarda
- (9) *Chuva

No caso dos exemplos de (8) e (9), se quisermos fazer menção a um objeto que nos

protege da chuva, não será possível reduzir o composto em *chuva* ou em *guarda*, se assim for o caso, o significado será diferente. Ademais, de acordo com Monteiro (2002, p.185), os compostos apresentam ordem fixa, eles funcionam como um bloco, permitindo assim apenas a pluralização no último componente do composto tal como acontece nas palavras comuns.

(10) Aguardente – aguardentes

(11) Beija-flor - beija-flores

(12) Malmequer – malmequeres

(13) Madressilva - madressilvas

Exemplos retirados em Monteiro (2002, p.184).

Como se constata em (10) a (13), os compostos permitem a pluralização apenas no último elemento, o contrário disso não seriam compostos, mas sim locuções, como é o caso das palavras dos exemplos a seguir. Para Monteiro (2002, p.186), tais palavras têm comportamento de locução, visto que a pluralização ocorre no meio, no princípio ou mesmo no fim dos constituintes.

(14) Mula-sem-cabeça - mulas-sem-cabeça

(15) Salário-família - salários-família

(16) Amor-perfeito - amores-perfeitos

Exemplos retirados em Monteiro (2002, p.184).

De acordo com Monteiro (2002, p. 187), a adição do sufixo nos compostos também serviria como um critério diferenciador. Neste sentido, a possibilidade da inserção de um sufixo derivacional afetaria o composto por completo. Podemos comprovar nas palavras a seguir que se constituem como topónimos.

(17) Porto Alegre (porto-alegrense)

(18) Nova Iorque (nova-iorquino)

Exemplos retirados em Monteiro (2002, p.187).

Como nos atestam (17) e (18), além do critério da pluralização no último elemento do composto, temos também a possibilidade do acréscimo do sufixo que afeta o composto por completo.

Outros autores que também propõem a distinção entre composto e locução são Margotti & Margotti (2011) que, em conformidade com Monteiro (2002), apresentam algumas propriedades para esta distinção. As duas primeiras propriedades trazidas por Margotti & Margotti (2011) já haviam sido mencionadas por Monteiro (2002): (i) a ordem rígida dos componentes dos compostos e a não aceitação de qualquer elemento entre os constituintes, no caso de uma possível intercalação, o elemento intercalado só pode ser colocado à esquerda ou direita da palavra composta; (ii) a não possibilidade de apagamento de um dos elementos do composto. Uma outra propriedade proposta por Margotti & Margotti (2011, p. 129) seria o funcionamento dos compostos como uma só palavra, deste modo, no caso de uma substituição, o composto permite a troca por uma palavra simples dentro do mesmo contexto, tal como vemos nos exemplos que se seguem.

(19) Gosto de (manga rosa) = Gosto de (maçã)

(20) O (João-de-barro) está feliz = O (tucano) está feliz

(21) (João Gilberto) lembra (Bossa Nova) = (Toquinho) lembra (Samba)

Exemplos retirados de Margotti & Margotti (2011, p. 129).

Nos exemplos (19) a (21), os compostos permitem a substituição por palavras simples dentro do mesmo contexto e, como podemos observar, a estruturas das frases se mantém inalterada.

Outrossim, temos Lee (1997, p. 2), que propõe a existência de dois tipos de compostos, os lexicais que seriam os verdadeiros compostos e os pós-lexicais que seriam os falsos compostos – equivalentes às locuções nos termos de Monteiro (2002). Neste sentido, os compostos verdadeiros seriam aqueles cujos elementos funcionam como unidades independentes nas suas operações morfológicas. Os falsos compostos seriam aqueles cujos constituintes permitem operações morfológicas. Desta forma, Lee (1997, p. 7) propõe alguns critérios diferenciadores desses dois tipos de composto. Primeiramente, quanto à pluralização, da mesma forma que apresenta Monteiro (2002), os compostos lexicais aceitam a flexão do plural no último elemento do composto, já que funcionam como um bloco. Podemos comprovar nos exemplos a seguir.

(22) Radio-taxi = radio-taxis

(23) Guarda-chuva = guarda-chuvas

Exemplos recolhidos em Lee (1997, p. 7)

Os compostos pós-lexicais permitem a pluralização entre os constituintes do composto, como podemos constatar nos exemplos que se seguem.

(24) mesas redondas

(25) Fins de semana

Exemplos recolhidos em Lee (1997, p. 7)

No que tange ao processo de derivação, nos compostos lexicais a operação acontece no último elemento do constituinte, afetando o composto como um todo, tal como nos atesta nos exemplos a seguir.

(26) Puxa-saco = puxa-saquismo

(27) Radio-taxi = radio-taxista

Exemplos recolhidos em Lee (1997, p. 7)

Como nos atestam os exemplos dos itens (26) e (27), os processos derivacionais desses compostos não acontecem de forma individual, os processos ocorrem de forma global.

Já os compostos pós-lexicais só aceitam derivações específicas, sendo antecidos por somente alguns prefixos, a exemplo de ex-homem-rã e super-primeiro-ministro.

3.1.2 Critérios de diferenciação pouco confiáveis

Ao olharmos os critérios trazidos pelos autores, podemos perceber que as propriedades que diferenciam os compostos das locuções não são suficientemente completas e sólidas para essas distinções, já que os critérios apontados como classificadores dos compostos não dão conta de todos compostos. Assim sendo, tanto Monteiro (2002) quanto Margotti & Margotti (2011) admitem, por exemplo, que nem todos os compostos alteram o significado na ordem inversa dos constituintes, como vemos nos casos dos compostos a seguir.

(28) Planalto = altiplano

(29) Franco-italiano = ítalo-francês

Exemplos retirados de Monteiro (2002) e Margotti & Margotti (2011).

Além disso, há compostos que permitem a supressão de algum de seus elementos sem que necessariamente haja prejuízo no significado, como podemos ver nos exemplos a seguir.

(30) Fotografia = foto

(31) Telefone = fone

Exemplos retirados de Monteiro (2002, p.185)

Como nos atestam os itens (30) e (31), esses compostos aceitam a supressão de um de seus constituintes, neste sentido, as estruturas desses compostos não são fechadas por isso permitem essas operações. Vale lembrar que do ponto de vista sincrônico os exemplos (30) e (31) não são considerados compostos. Queremos com isso dizer que em algum momento da língua eles funcionaram como compostos, mas atualmente perderam essa característica de composto.

Um outro problema da composição apontado por Monteiro (2002, p. 188) é a classificação de composição por justaposição e aglutinação como particularidades restritas da composição. Neste sentido, a justaposição e aglutinação seriam propriedades fonológicas e não morfológicas, tal como atestam as gramáticas, além disso, esses processos não são exclusivos da composição, acontecem também na derivação. Observemos nos seguintes exemplos.

a) Derivação por aglutinação

(32) forma + oso = formoso

(33) cento + avo = centavo

(34) riso + onho = risonho

b) Derivação por justaposição

(35) alegre + mente = alegremente

(36) sábia + zinha = sabizinha

(37) florida + mente = floridamente

c) Composição por aglutinação

(38) perna + alta = penalta

(39) água + ardente = aguardente

d) Composição por justaposição

(40) beija + flor = beija-for

(41) passa + tempo = passatempo

Exemplos retirados em Monteiro (2002, p.188-189)

Tal como nos atestam os exemplos em (32 a 41) é um equívoco afirmar que os processos de aglutinação e justaposição são exclusivamente realizados na composição. Ademais, como nos mostra Monteiro (2002, p.188), a aglutinação representa apenas um vocábulo fonológico, no caso da justaposição estamos diante de dois vocábulos fonológicos.

Casos como esses permitem entender que essas propriedades não são tão absolutas assim, reforçando a ideia de que alguns critérios de distinção funcionam para alguns compostos, mas não para todos. Os critérios elencados aqui (ordem fixa dos elementos, impossibilidade de inserção de um elemento, impossibilidade de supressão de um novo elemento e plural no último elemento do composto) que constituem apenas alguns dos frequentemente apontados como característicos dos compostos, juntamente com outros aspectos serão observados com atenção e cuidado no momento de fazer as análises do português de Angola a fim de caracterizar o comportamento desses elementos da língua sem absolutismos.

3.2 METODOLOGIA

Sobre a questão da metodologia, inicialmente foram feitas leituras de textos com produções de resenhas. Os textos serviram para o levantamento bibliográfico e para aprender mais sobre temas como a realidade sociolinguística de Angola, o português angolano e o processo de composição. Os primeiros textos lidos foram o de Inverno (2008) e Santos (2018), ambos discutem a realidade sociolinguística e o português de Angola, posteriormente passou-se à leitura dos textos de Lee (1997), Monteiro (2002), Margotti & Margotti (2011), Gonçalves (2016) que abordam neologismos e o processo de composição. Mais tarde surgiram dois textos com o propósito de reforçar estudos sobre os processos da composição, o de Lieber e Stekauer (2012) e o de Bisseto e Scalise (2012). Essas leituras foram importantes para o avanço da pesquisa para que se construísse o referencial teórico que posteriormente usaremos para análise dos dados.

Após o levantamento bibliográfico e produções das resenhas, ocorreu o início do levantamento dos dados. A recolha de palavras foi feita em redes sociais como Facebook e Instagram, bem como em alguns sites que trazem vocábulos e conjuntos de vocábulos do português de Angola. Durante a coleta dos dados, nos deparamos com inúmeras dificuldades em encontrar glossários específicos do português de Angola. As redes sociais e os sites não fornecem muitos dados sobre compostos específicos do português angolano. Além disso, não conseguimos encontrar bibliografias que nos pudessem fornecer tais dados. Neste sentido, das

redes sociais e sites coletamos 20 vocábulos do português angolano que pareciam ter comportamento de compostos na língua. Consideramos que seria pertinente confirmar as especificações desses vocábulos por meio de testes com falantes do português angolano.

Desta forma, numa viagem feita em Angola, na transição de 2019 para 2020 fez-se entrevista com alguns falantes do português angolano na capital Luanda. No que tange à preparação da entrevista, houve um diálogo prévio com os entrevistados e foi feita a entrega de um termo de consentimento, devidamente esclarecido, que informava sobre as características gerais da pesquisa e seus objetivos (o termo consta no apêndice A). Os participantes das entrevistas foram todos jovens de faixa etária entre os 19 a 28 anos de idade, todos falantes do português como primeira língua. Aplicamos um questionário que inicialmente pedia informações gerais como (idade, sexo, local de nascimento, língua materna e quantidade de línguas faladas), em seguida havia perguntas que pudessem atestar vocábulos com viés de composição específicos do português angolano. Foram feitas perguntas acerca do significado dos compostos e da possibilidade das propriedades elencadas na seção 3.1. Neste sentido, a ordem fixa dos elementos, a impossibilidade de inserção de um elemento, a impossibilidade de supressão de um dos elementos e se a pluralização do composto pode ser realizada no último elemento do composto foram as propriedades que dirigiram o questionário. Cabe dizer que no momento da elaboração do questionário, as perguntas ficaram um pouco metalinguísticas (o que pode influenciar nas respostas), em estudos futuros, os questionários serão elaborados de uma outra forma, atentando para não fazer uso de conceitos como inserir elementos, mudar elementos e trocar ordem. O questionário (que consta no Apêndice B) serviu de guia para as gravações com os entrevistados. O contato com os informantes aconteceu de forma presencial, usamos um smartphone de instrumento para a recolha dos dados. Neste primeiro momento de entrevista com os informantes, participaram oito pessoas, das quais cinco mulheres e três homens e foram discutidos 5 possíveis compostos. Após a entrevista, criou-se uma planilha no Excel na qual arquivamos os dados recolhidos dos participantes.

Depois dessa etapa, de volta ao Brasil, realizamos uma outra entrevista com falantes do português angolano residentes no Brasil. Os falantes são estudantes da UNILAB de diversos cursos de graduação. No caso, foram gravados 15 vocábulos. A faixa etária desses informantes é de 19 a 26 anos de idade, todos residiam em Luanda e são falantes do português como primeira língua. Por conta da situação pandêmica a que estamos submetidos, não foi possível fazer gravações de forma presencial. Assim sendo, o contato foi feito através de meios tecnológicos como WhatsApp e E-mail. Para a coleta dos dados, usamos o mesmo

questionário que tinha sido útil em Angola. Assim sendo, as entrevistas foram feitas de forma escrita através de questionário. Os informantes receberam o questionário via WhatsApp e e-mail. Após um prazo de uma semana, os entrevistados retornaram os questionários com as informações requeridas. Posteriormente, os dados foram anexados na planilha a fim de serem analisados.

A análise de dados será foco do capítulo 4, tendo sido realizada com base no referencial teórico apresentado neste capítulo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisaremos os dados que constituem o *corpus* da nossa pesquisa. Começaremos, a priori, pela apresentação dos dados coletados com seus significados e suas estruturas internas. Em seguida, abordaremos o comportamento dos dados coletados quanto às propriedades de distinção, nomeadamente, a ordem dos elementos, a possibilidade de supressão de um elemento e de inserção de um novo elemento e a pluralização. Adiante vamos discorrer sobre as especificidades do português angolano no que tange à formação dos compostos.

4.1 CORPUS ANALISADO

Para a análise dos dados, foram coletados 20 compostos em jornais e blogs online que trazem conjuntos de vocábulos do português de Angola. Ao recolhermos os dados, Houve inúmeras dificuldades para encontrarmos vocábulos específicos do português angolano. Os materiais que serviram de base para a coleta dos dados não fornecem glossários específicos do português de Angola. Outrossim, não conseguimos encontrar bibliografias que nos pudessem fornecer tais dados. A seguir, seguem os dados que compõem o *corpus* com seus respectivos significados:

- **água do chefe** ‘bebida alcóolica como aguardente ou cachaça’
- **amiga da gatuna** ‘mulher que namora com marido de alguém’
- **barba rija** ‘homem capacitado para enfrentar grandes problemas’
- **bate-chapa** ‘beijo apressado, repentino dado na boca’
- **boca das tias** ‘pessoa que fala sem limites’
- **boca doce** ‘pessoa fofoqueira’
- **bolo e leite** ‘pessoa mimada, filhinho de papai e mamãe’
- **cai com vento** ‘pessoa magra’
- **casa das bonecas** ‘prostíbulo ou zona de prostituição’
- **disco no mercado** ‘filho’
- **game violento** ‘situação difícil de lidar’
- **mãe grande** ‘mulher com grande habilidade em uma determinada atividade’
- **mana madó** ‘pessoa que gosta de se aparecer’

- **manga de dez** ‘termo pejorativo para se dirigir à menor, novinha apenas para mulher’
- **maria das dores** ‘vara que serve de instrumento para punir alunos, palmatória’
- **pai grande** ‘homem com grande habilidade em uma determinada atividade’
- **pine puque** ‘dois policiais vigilantes’
- **saca fácil** ‘mulher que se deixa paquerar com facilidade’
- **teto falso** ‘cabelo artificial’
- **trigo limpo** ‘sexo desprotegido’

Sobre os significados dos compostos, constatamos que em alguns itens há uma relação entre o significado das partes e o significado global do composto, em outros itens percebemos que não há uma relação entre o significado particular das palavras e seus compostos. Por exemplo, no item **teto falso** ‘cabelo artificial’, a palavra **teto** faz referência a uma cobertura de uma casa enquanto que **falso** é o oposto da realidade. Percebe-se, deste modo, que há uma relação entre o significado das partes e o significado do composto como um todo. De igual modo, o item **pai grande** ‘homem com grande habilidade em uma determinada atividade’. O primeiro elemento do composto, **pai**, remete a um homem progenitor, responsável de uma família, ao passo que **grande** faz referência às coisas com dimensões fora do normal. Se virmos bem, temos aqui neste composto uma relação entre o significado das partes com o significado global. Já em **trigo limpo** ‘sexo desprotegido’, não temos uma relação entre o significado individual das palavras e o significado total do composto. Como podemos observar, a palavra **trigo** faz referência a um cereal, por assim dizer, alimento, enquanto que a palavra **limpo** faz menção a algo sem sujeira ou sem mancha, o que reforça a ideia da não relação entre o significado global do composto com a parte individual das palavras. O mesmo caso acontece com o item **disco no mercado** ‘filho’, no caso, a palavra **disco** faz referência a um objeto chato e circular, ao passo que **mercado** se refere a um lugar público onde os negociantes efetuam as suas vendas.

A respeito da estrutura dos compostos que constituem a base do nosso trabalho, cabe dizer que a pesquisa focou em itens nominais, sobretudo estruturados em N + N, N + A, N + (preposição) + N, N + (conjunção) + N, N + (preposição) + A, N + (preposição) + numeral, apenas quatro apresentam a estrutura V + N, V + A e V + (preposição) + N. De acordo com Margotti & Margotti (2011, p. 129), os compostos apresentam estruturas muito diversificadas,

o que é corroborado pelas variadas estruturas nos dados coletados. Neste sentido, temos dois compostos estruturados em N + N (Nome + Nome) como vemos em (42) e (43):

(42) **Pine puque** ‘dois policiais vigilantes’

(43) **Mana madó** ‘pessoa que gosta de se aparecer’

Temos seis compostos estruturados em N + (preposição) +N, como nos atestam os itens a seguir.

(44) **Disco no mercado** ‘filho’

(45) **Água do chefe** ‘bebida alcóolica como aguardente ou cachaça’

(46) **Casa das bonecas** ‘prostíbulo ou zona de prostituição’

(47) **Maria das dores** ‘vara que serve de instrumento para punir alunos, palmatória’

(48) **Amiga da gatuna** ‘mulher que namora com marido de alguém’

(49) **Boca das tias** ‘pessoa que fala sem limites’

Cabe dizer que existem alguns casos em que o segundo elemento já se encontra pluralizado, como podemos ver nos itens (46) e (49).

No caso dos compostos formados por Nome + (conjunção) + Nome e Nome + (preposição) + numeral, temos apenas um caso para cada estrutura, como vemos nos itens a seguir.

(50) **Bolo e leite** ‘pessoa mimada, filhinho de papai e mamãe’

(51) **Manga de dez** ‘termo pejorativo para se dirigir à menor, novinha apenas para mulher’

Como podemos observar, em (50) é formado por dois nomes e uma conjunção, já em (51) o composto é formado por um nome, uma preposição e um numeral.

Temos também os compostos estruturados em N + A (Nome mais Adjetivo), que são oito como podemos ver a seguir.

(52) **Teto falso** ‘sexo desprotegido’

(53) **Trigo limpo** ‘sexo desprotegido’

(54) **Game violento** ‘situação difícil de lidar’

- (55) **Pai grande** ‘homem com grande habilidade em uma determinada atividade’
 (56) **Mãe grande** ‘mulher com grande habilidade em uma determinada atividade’
 (57) **Boca doce** ‘pessoa fofoqueira’
 (58) **Barba rija** ‘homem capacitado para enfrentar grandes problemas’

Essa estrutura do composto de nome + adjetivo, pelo número de dados, parece ser produtiva no português de Angola. Estudos futuros com um *corpus* mais amplo poderão confirmar ou refutar essa hipótese.

Por fim temos um composto estruturado em V+N (Verbo mais Nome), um estruturado por V+ (preposição) +N e também um estruturado por V+A (Verbo mais Adjetivo) como podemos ver nos itens que se seguem.

- (59) **Bate-chapa** ‘beijo apressado, repentino dado na boca’
 (60) **Cai com vento** ‘pessoa magra’
 (61) **Saca fácil** ‘mulher que se deixa paquerar com facilidade’

Como nos atestam os itens acima, em (59) o composto é formado por um verbo e um nome, no item (60) o composto está constituído por um verbo, uma preposição e um nome, já no item (61), o composto está constituído por um verbo e um adjetivo.

4.2 PROPRIEDADES DOS COMPOSTOS

A fim de tornar a nossa abordagem mais profícua e perceber se as expressões analisadas eram compostos verdadeiros ou locuções, observamos o comportamento dos compostos tendo em conta as propriedades defendidas por Lee (1997), Monteiro (2002) e Margotti & Margotti (2011). Tais propriedades são: ordem fixa ou rígida entre os elementos do composto, impossibilidade da supressão de um elemento, impossibilidade de inserir um novo elemento e pluralização no último elemento do composto. Cabe dizer que usamos o quarto critério da pluralização para a análise dos dados, mas que estamos cientes de que esse critério precisa ser revisto em análises posteriores, pois no português de Angola há uma variação no uso do plural. Por exemplo, como vimos anteriormente, conforme Mingas (2000 apud SANTOS, 2018, p. 40), nesta variação é possível observar frases como “Os pé_ me dói”, Vigia as criança_. Adiante, na análise dos dados, essa questão ficará mais clara. O quadro 1 apresenta o comportamento dos compostos analisados:

Quadro 1 – Propriedades dos compostos analisados

Compostos	Ordem fixa	Supressão	Inserção	Plural
1. Teto falso	Sim	Não	Não	Todos os elementos
2. Disco no mercado	Sim	Não	Não	Primeiro elemento
3. Pine puque	Sim	Não	Não	Último elemento
4. Trigo limpo	Sim	Não	Não	Último elemento
5. Mana madó	Sim	Não	Não	Último elemento
6. Água do chefe	Sim	Não	Não	Primeiro elemento
7. Bate-chapa	Sim	Não	Não	Último elemento
8. Casa das bonecas	Sim	Não	Não	Não se aplica
9. Maria das dores	Sim	Não	Não	Não se aplica
10. Saca fácil	Sim	Não	Não	Último elemento
11. Bolo e leite	Sim	Não	Não	Último elemento
12. Cai com vento	Sim	Não	Não	Não se aplica
13. Manga de dez	Sim	Não	Não	Primeiro elemento
14. Game violento	Sim	Não	Sim	Nos dois elementos
15. Amiga da gatuna	Sim	Não	Não	Primeiro elemento
16. Pai grande	Sim	Não	Não	Último elemento
17. Mãe grande	Sim	Não	Não	Último elemento
18. Boca doce	Sim	Não	Não	Último elemento
19. Boca das tias	Sim	Não	Não	Não se aplica
20. Barba rija	Sim	Não	Não	Nos dois elementos

Fonte: Elaborado pelo autor

Como podemos observar no quadro 1, percebe-se que os compostos não são homogêneos no que diz respeito às propriedades defendidas pelos autores. Assim sendo, temos alguns itens que atendem a todas as exigências de verdadeiros compostos, na visão de Lee (1997) e Monteiro (2002) e outros que não atendem à propriedade de pluralização. Desta forma, detalharemos o comportamento dos compostos no que tange às propriedades

Dos dados coletados aos informantes, conforme no quadro 1, percebemos que 09 itens (**pine puque, trigo limpo, mama madó, bate-chapa, saca fácil, bolo e leite, pai grande, mãe grande e boca doce**) atendem às exigências das quatro propriedades. Neste caso, permitem a ordem fixa entre os elementos, impossibilitam a supressão de um dos elementos,

não permitem a inserção de um novo elemento e o plural se realiza no último elemento do composto, como nos atestam os exemplos abaixo.

- (63) **pine puque/ *pine / *pine mais puque/ pine puques¹**
- (64) **trigo limpo/ *trigo/ *trigo muito limpo/ trigo limpos**
- (65) **mana madó/ *mana/ *mana grande madó/ mana madós**
- (66) **bate-chapa/ *bate / *bate-pouco-chapa/ bate-chapas**
- (67) **saca fácil/ *saca/ *saca bem fácil/ saca fáceis**
- (68) **bolo e leite/ *bolo/ *bolo e muito leite/ bolo e leites**
- (69) **pai grande/ *pai/ *pai tão grande/ pai grandes**
- (70) **mãe grande/ *mãe/ *mãe tão grande/ mãe grandes**
- (71) **boca doce/ *boca/ *boca bem doce/ boca doces**

Como podemos observar, nos itens (63) a (71), os compostos seguem o mesmo comportamento. Considerando somente esses aspectos mencionados, para Lee (1997), esses itens seriam considerados como compostos verdadeiros. Na visão de Monteiro (2002), seriam aspectos cruciais para se distinguirem das locuções.

Por outro lado, temos 11 itens (**teto falso, disco no mercado, água do chefe, casa das bonecas, maria da dores, cai com vento, manga de dez, game violento, amiga da gatuna, boca das tias e barba rija**) que atendem aos três primeiros critérios (apresentam ordem fixa, não permitem supressão de elemento, não aceitam a inserção de um novo elemento), porém o quarto critério, o de pluralização no último elemento, não se aplica. Dentre esses compostos, temos um (**game violento**) com característica diferenciada: além de não atender ao critério da pluralização no último elemento do composto, permite a inserção de um novo elemento, como se observa a seguir.

- (72) **teto falso/ *teto / *teto bastante falso/ tetos falsos**
- (73) **disco no mercado/ *disco / *disco no meio do mercado/ discos no mercado**
- (74) **água do chefe/ *água / *água do grande chefe/ águas do chefe**
- (75) **amiga da gatuna/ *amiga / *amiga da pura gatuna/ amigas da gatuna**
- (76) **barba rija/ *barba / *barba pouco rija/ *barba rijas/ barbas rija**

¹No tocante às propriedades, os informantes não foram uníssonos nas respostas, houve divergência quanto às propriedades. No caso, a maior divergência foi na quarta propriedade, o critério de pluralização no último elemento do composto.

- (77) **manga de dez/ manga / * manga boa de dez/ mangas de dez**
 (78) **casa das bonecas/ *casa / *casa das pequenas bonecas**
 (79) **maria das dores/ *maria / *maria das puras dores**
 (80) **boca das tias/ *boca / *boca das grandes tias**
 (81) **cai com vento/ *cai / *cai com muito vento**
 (82) **game violento/ *game / game muito violento/ games violento**

No item (72), observamos que o vocábulo apresenta ordem fixa entre os constituintes, não permite supressão de um elemento e não permite a intercalação de um novo elemento. No caso do plural, a flexão acontece nos dois elementos do composto. Nos itens (73) a (77), o diferencial é que a flexão ocorre nos primeiros elementos dos compostos. A pluralização no caso do item (77) deve ocorrer pelo fato de o segundo elemento ser um numeral. Em (78) a (80), o critério de pluralização não se aplica, pois os últimos elementos já entram pluralizados. No caso do item **casa das bonecas**, nos dados recolhidos os informantes não demonstraram a possibilidade de plural, mas é possível que pudesse ser **casas das bonecas**. Neste sentido, consideramos compostos mesmo os que não atendiam a todos os critérios defendidos pelos autores.

Como consta nos dados fornecidos pelos informantes, no caso de passar esses compostos para o plural, a estrutura mantém-se. Conforme Margotti & Margotti (2011, p. 131), os compostos formados por N + prep. + N, o substantivo determinante não aceita flexão de número, a não ser se já entra pluralizado na formação do composto, pelo que, para os autores, esses itens seriam considerados como compostos. De igual modo, no item (81), o critério da pluralização também não se aplica, neste caso, não ocorre a flexão em nenhum dos elementos. Talvez isso ocorra devido à natureza dos elementos que constituem o composto. Já no caso do último item (82), o composto não atende às exigências de dois critérios, o da inserção de um novo elemento e pluralização no último elemento. Desta forma, considerando apenas esses aspectos, segundo Lee (1997), todos os 11 itens seriam compostos falsos (pós-lexicais), equivalentes às locuções na visão de Monteiro (2002).

Tendo em vista os aspectos mencionados, no que tange às propriedades defendidas por Lee (1997), Monteiro (2002) e Margotti & Margotti (2011), observamos que os compostos se comportam de forma heterogênea. Dos dados recolhidos aos informantes, como consta no quadro 1, os compostos atendem aos critérios proposto pelos autores, sobretudo os três primeiros, uns não atendem ao quarto critério de pluralização, apenas um (**game violento**) que

aceita o critério de inserção de um novo elemento e permite a pluralização no primeiro elemento, como vimos anteriormente.

Com relação ao critério de pluralização, os itens coletados não estão totalmente definidos, pois se constata uma heterogeneidade entre eles, o que não era esperado, visto que se trata de uma das propriedades, segundo Monteiro (2002), mais confiável. Ainda assim, não podemos afirmar com tamanha veemência que essas expressões não sejam compostos. Neste sentido, o comportamento encontrado ilustra que os critérios defendidos pelos autores não são definitivos. Por exemplo, no caso dos compostos como **boca das tias**, **maria das dores** e **casa das bonecas** os elementos que constituem a última posição já entram pluralizados, não sendo possível, deste modo, atestar o quarto critério. Com isso, entendemos que os critérios propostos pelos autores não dão conta de todos os compostos, e como nos mostram Lieber e Stekauer (2012), os processos de composição são fenômenos linguísticos complexos, dificilmente teremos todos os compostos se comportando de forma homogênea.

4.3 ESPECIFICIDADES DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Além dos 20 compostos, observamos 6 estruturas compartilhadas com a variedade do português brasileiro e europeia (**pente-fino**, **dedo podre chupa-sangue**, **lambe bota**, **bolo fofo** e **boas festas**). Neste sentido, não podemos afirmar que esses itens constituem compostos formados no português angolano. Podemos dizer que, visto que se trata de vocábulos encontrados tanto no PB como PE, e sem a possibilidade de se estabelecer com certeza a origem etimológica, consideramos como compostos e/ou locuções compartilhados.

O primeiro item **pente-fino**, tal como na variedade brasileira, no português angolano também tem como significado ‘análise feita com muita atenção para se encontrar irregularidades ou problemas’, o composto apresenta uma estrutura de N+A e atende algumas das propriedades defendidas pelos autores Lee (1997), Monteiro (2002) e Margotti & Margotti (2011). A ordem dos elementos é fixa, não permite supressão de elemento, não permite inserção de um novo elemento, já no caso do plural, a flexão acontece nos dois constituintes, o que para os autores seria uma locução ou falso composto. Em **dedo podre**, assim como na variedade brasileira, no português angolano também significa ‘pessoa com dificuldade em escolher algo’ trata-se de um composto estruturado por N+A, que permite que as operações morfológicas aconteçam entre os constituintes; quanto às propriedades, apresenta ordem fixa, impossibilidade na supressão de um elemento e impossibilidade na inserção de um novo termo. Na questão do plural, o composto permite que a sua realização

aconteça nos dois elementos, o que para Lee (1997) e Monteiro (2002) seria considerado como um falso composto ou locução. No caso do item **chupa-sangue**, estamos diante de um composto estruturado por V+N, tal como na variedade brasileira, no português angolano tem como significado ‘pessoa que se aproveita do esforço alheio, sanguessuga’. Quanto às propriedades, atende às exigências dos quatro critérios propostos pelos autores: apresenta ordem fixa, impossibilidade na supressão de um elemento, impossibilidade na inserção de um novo termo e plural no último elemento. Na visão de Margotti & Margotti (2011, p. 131), o plural seria realizado de forma opcional visto que para os autores, os compostos formados por verbo determinado por complemento verbal, o critério de pluralização acontece de forma opcional. No item **lambe bota**, temos um composto estruturado por V+N, tal como na variedade brasileira e europeia, no português angolano tem como significado ‘bajulador’. O composto atende aos critérios propostos pelos autores, apresenta uma ordem fixa, não aceita a supressão de um elemento bem como a inserção de um novo elemento, no caso do plural, a realização acontece no último elemento, o que para os autores significa que estaríamos diante de um verdadeiro composto. No caso do item **bolo fofo** com a estrutura de N+A, estamos diante de um composto que sofreu alteração semântica. Na variedade brasileira tem como significado ‘pessoa muito gorda, obesa’, já na variedade angolana tem como significado ‘pessoa mimada ou mentecapta’. Quanto ao comportamento diante dos critérios, atende às três primeiras propriedades, ordem fixa dos elementos, impossibilidade em suprimir um elemento e em inserir um novo elemento, na questão do plural, o composto permite que as operações morfológicas aconteçam entre os elementos do composto, assim sendo, para Lee (1997), e Monteiro (2002) seria um falso composto ou locução, considerando esse aspecto. Igualmente temos o item **boas festas**, estruturado por A+N, em que na variedade brasileira e europeia tem como significado ‘festas felizes’, já na variedade angolana, além de ‘festas felizes’, também tem como significado ‘presente de Natal’. Assim sendo, estamos diante de uma reanálise semântica, o que confirma o compartilhamento de compostos com outras variedades como a brasileira e a europeia. No que tange às propriedades, o composto atende aos três primeiros critérios propostos pelos autores e no caso do plural os constituintes já entram pluralizados não sendo possível se atestar a quarta propriedade.

A partir deste panorama, podemos observar que os 20 compostos recolhidos em revistas e blogs são específicos do português de Angola. Analisando esses compostos, podemos perceber que Angola possui uma variedade própria, independente de outras, como a do Brasil e a europeia, na medida em que esses compostos só foram encontrados na variedade angolana. Cabe dizer que os compostos **pente-fino**, **chupa-sangue**, **lambe bota**, **bolo fofo**, **boas festas**,

dedo podre não são formações próprias do português de Angola, já tendo entrado assim na língua. Podemos ainda dizer que possivelmente esses compostos devem ser resultados de empréstimos e que só o estudo etimológico poderia dizer a origem desses vocábulos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos o processo de composição do português de Angola. Demonstramos, de uma forma fundamentada, que realmente é problemático usar uma mesma definição para compostos de variedades diferentes, visto que não há um consenso sobre o que realmente é um composto. Com isso, foi possível perceber que os estudos sobre composição em diversas línguas são amplos e complexos. Deste modo, é realmente difícil chegar a um acordo sobre uma definição de composto que seja universalmente aceita em todas as línguas.

No tocante aos resultados da pesquisa, constatamos que dos 20 itens coletados, 9 atendem a todas as exigências de verdadeiros compostos, na visão de Lee (1997) e Monteiro (2002), no caso, ordem fixa ou rígida dos elementos, impossibilidade de suprimir um dos elementos, impossibilidade de inserir um novo elemento e pluralização no último elemento do composto e 11 itens que não atendem à propriedade de pluralização, sendo que 1 não atende nem ao critério da inserção de um novo elemento e o da pluralização. Tendo em conta esse panorama, vimos que os critérios não são absolutos na definição dos compostos. Foi possível perceber que a composição é um processo produtivo no português angolano para formar novas palavras. Como nos atestaram os dados que constituem a base da nossa pesquisa, observamos que existem compostos específicos do português angolano (**disco no mercado, mana madó, trigo limpo, água do chefe, manga de dez, pine puque**, entre outros), além dos compartilhados com outras variedades como a brasileira e europeia (**pente-fino, dedo podre chupa-sangue, lambe bota, bolo fofo e boas festas**). Entendemos, desse modo, que estamos diante de uma variedade própria do português, distinta de outras, como, por exemplo, a do Brasil e a europeia. Desta forma, podemos dizer que não se sustentam afirmações que apontam o português angolano como uma variedade europeia.

No que tange ao significado dos compostos, encontramos alguns itens que são transparentes com relação aos significados das partes individuais dos constituintes (**teto falso, pai grande**) e outros em que não é possível observar uma ligação entre os significados das partes dos elementos constituintes e seus significados globais (**trigo limpo, disco no mercado**).

Num possível desdobramento, poderemos observar ~~para~~ a questão do étimo, pois sabemos que há compostos que provavelmente a etimologia não seria o português. Neste sentido, ficará para estudos futuros a possibilidade de olharmos o étimo dessas palavras e se possível (na medida em que encontrarmos referências) veremos também como ocorre a composição nas línguas bantas angolanas. Como podemos observar, os itens analisados na

pesquisa são de categoria nominal. Neste sentido, pretendemos, da mesma forma, para o futuro, considerar alguns passos que podem enriquecer a nossa pesquisa. Um dos passos é a ampliação da base dos dados, trazendo compostos que apresentam outras estruturas como itens formados por V + N (como *beija-flor*) do português brasileiro e/ou europeu e também itens que funcionam como verbo ou que pelo menos estejam estruturados em V+V (*vaivém*) do português brasileiro e/ou europeu. Acreditamos que, ampliando a nossa base de dados, tornaremos a pesquisa mais abrangente. Entendemos que, quando se mostra a especificidade de uma variedade, os dados que constituem esse *coupus* podem abrir espaços para comparações com outras variedades do português.

REFERÊNCIAS

- BISSETTO, Antonietta e SCALISE, Sergio. The classification of compounds. **Lingue e Linguaggio IV**, 2, 2005, p. 319-332.
- GARCIA, Afrânio da Silva. **O português do Brasil Questões de Substrato, Superstrato e Adstrato**. São Gonçalo: UERJ, Departamento de Letras, 2002.
- GARCIA, Laurentino. **Escravidão**, Rio de Janeiro, Editora; Globo Livros, 2010.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.
- FILUSOVÁ, Radoslava. **Difusão e desenvolvimento do português vernáculo de Angola**. Práce: Mgr, 2012.
- INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o português: uma história sociolinguística. *In*: TORRALBA, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares & SOUSA, Julião Soares (Coord.). **Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 117-129.
- LEE, Seung-Hwa. Sobre os compostos do PB. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997.
- LIEBER, Rochelle e STEKAUER, Pavol. Introduction: Status and Definition of Compounding. *In*: LIEBER, Rochelle e STEKAUER, Pavol. **The Oxford Handbook of Compounding**. Oxford University Press, 2011.
- MARGOTTI, Felício Wessling & MARGOTTI, Rita de Cássia Mello Ferreira. **Morfologia do Português**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.
- MIGUEL, Maria Helena Santos. Língua Portuguesa em Angola: a caminho da sua normalização? **Lucere** (Revista Acadêmica da UCAN – Universidade Católica de Angola), p. 157-175, 2016.
- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Editora Pontes, 2002.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Aspectos da língua portuguesa em Angola. **PAPIA**, São Paulo, n. 28, v. 1, p. 25-49, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de livre consentimento livre e esclarecido

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Instituto de Humanidades e Letras (Campus dos Malês – BA)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do(a) participante: _____
 País ou responsáveis (no caso de menor de 18 anos): _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____ Província: _____ CEP: _____ Telefone: (____) _____
 BI: _____ Data nascimento: ____/____/____ Data da gravação: ____/____/____

Nome do Pesquisador Principal: Alexandre Jamba Sapalo

1. **Objetivo do estudo:** O presente estudo tem como objetivo analisar processos de formação de palavras no português de Angola.
2. **Justificativa:** A partir das respostas dos informantes, o presente estudo permitirá ampliar os estudos sobre o processo de composição no português de Angola, variedade do português ainda não reconhecida como legítima por alguns estudiosos, que consideram o português falado em Angola como uma forma de português europeu.
3. **Procedimentos:** Os informantes (estudantes angolanos da UNILAB do *campus* dos Malês, em São Francisco do Conde) responderão um questionário enviado pelo pesquisador através do aplicativo WhatsApp. Assim sendo, os participantes não terão necessidade de se deslocar para participar da pesquisa.
4. **Riscos e desconfortos:** A pesquisa não acarretará nenhum risco imediato ou futuro (moral/físico) aos participantes.
5. **Benefícios:** A participação é voluntária e não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento sobre o sistema silábico do guineense.
6. **Direitos do participante:** Os participantes podem se retirar deste estudo a qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo e terem direito de acesso, em qualquer etapa do estudo, a qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Para tanto, basta entrar em contato com o pesquisador responsável.
7. **Compensação financeira:** Não existirão despesas e/ou compensações financeiras relacionadas à participação no estudo.
8. **Incorporação ao banco de dados do pesquisador:** Os dados obtidos com a participação, na forma de questionários, serão armazenados pelo pesquisador, que zelará pelo uso e aplicabilidade das respostas exclusivamente para fins científicos.
9. **Confidencialidade:** Os resultados deste estudo poderão ser publicados em revistas científicas ou apresentados em congressos científicos, sem que a identidade dos participantes seja revelada.
10. **Dúvidas:** Em caso de dúvidas, os participantes podem entrar em contato com a pesquisadora responsável por esta pesquisa (Alexandre Jamba Sapalo) pelo e-mail alexandrejamba25@gmail.com.

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo e em fornecer as respostas aos questionários. Compreendo o tema e a justificativa do estudo, os procedimentos que serão adotados, os possíveis riscos e desconfortos, a relevância de minha participação para a pesquisa científica, os meus direitos e as garantias de confidencialidade. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Local: _____ Data: _____

Assinatura do sujeito participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – Questionário

Nome:

Idade:

O português é falado como primeira ou segunda língua?

Fala outras línguas além de português? Quais?

Local de nascimento e onde vivia em Angola?

Há quanto tempo está no Brasil?

1. Conhece a palavra boas festas? Sim () Não ()

2. Qual o significado dessa palavra?

3. É comum o uso dessa palavra no português angolano? Sim () Não ()

4. É possível mudar a ordem dos elementos e manter o mesmo significado? Ex: festas boas.
Sim () Não ()

5. É possível suprimir um dos elementos e manter o mesmo significado? Ex: festas; boas. Sim
() Não ()

6. É possível inserir um novo elemento no meio das palavras e manter o mesmo significado?
Ex: Boas grandes festas. Sim () Não ()

7. Caso queira colocar essa palavra no plural, como ficaria? Ex: No caso de teto falso, o plural seria tetos falsos, teto falsos ou tetos falso?

OBS: No lugar de *teto falso*, foram colocados os demais compostos e aplicado o questionário.